

## APRESENTAÇÃO

Edgar Lyra e Luís Gabriel Provinciatto

Estamos imersos em um ambiente em que algoritmos e sistemas operacionais – já em grande parte equipados com inteligência artificial – operam nos bastidores das interações. Devido à sua natureza intangível, esses sistemas atuam de forma invisível – às vezes, quase imperceptivelmente –, tornando-se agentes anônimos que moldam padrões de pensamento e comportamento. Essa invisibilidade, seja da performance dos algoritmos, seja da interconexão digital entre as coisas e destas com a inteligência artificial, seja ainda da própria presença da tecnologia digital em nossas práticas cotidianas, decerto não corresponde a uma ausência de influência. Trata-se, na verdade, de uma forma de poder exercida pela naturalização das dinâmicas digitais em nosso cotidiano.

Essa invisibilidade pode ser associada àquilo que Alberto Romele, em *Digital Hermeneutics* (New York; London: Routledge, 2020) chamou de *habitus digital*, o qual se forma a partir da repetição de interações mediadas por algoritmos que reforçam padrões simplificados de engajamento e relacionamento com a informação e com outros indivíduos. A frequência e intensidade de nossas interações com tecnologias digitais, de acordo com esse novo *habitus*, conduzem à formação de uma subjetividade que se adapta, e até mesmo se conforma, aos moldes digitais, muitas vezes sem a percepção da profundidade desse impacto. Portanto, as questões em torno da tecnologia transcendem meramente o uso de dispositivos e redes; elas nos convidam a refletir sobre o papel que a tecnologia exerce na construção do mundo e na formação das subjetividades contemporâneas.

Perceber, descrever, analisar e problematizar a profundidade desse impacto, a construção desse mundo e a formação dessas subjetividades é uma tarefa que ultrapassa os limites do desenvolvimento técnico das tecnologias digitais, embora não seja algo que lhe seja alheio. Também parece ser algo que foge ao domínio de uma inteligência artificial, restrita – ainda – a um determinado

tipo de inteligência, a saber, a cognitiva. A filosofia da tecnologia, nesse cenário, além de possibilitar o desenvolvimento de um olhar crítico, permite que um conjunto de questões sejam alçadas, tais como: quais implicações morais surgem quando a tecnologia desafia a autonomia humana? Como compreender a relação entre o ser humano e suas criações tecnológicas? Em que padrões de comportamento e modos de ver o mundo se ajustam e, às vezes, se submetem ao arcabouço tecnológico? Seria a tecnologia digital uma extensão de nossos modos de ser ou ela representa uma força que subverte e redefine a própria essência do humano? Como podemos (re)interpretar nossas práticas e existências em um contexto em que a mediação digital se tornou onipresente?

Na verdade, o segundo volume do dossiê *Filosofia da tecnologia* de *O que nos faz pensar* busca explorar um conjunto mais amplo de questões, tornando assim visível um estado de arte interessante e relevante para o desenvolvimento dessa área temática da filosofia. Neste volume, contamos com oito artigos sobre a tecnologia e três outros que compõem a seção *Varia*.

Abrimos o segundo volume do dossiê com uma reflexão sobre como Don Ihde articula hermenêutica, fenomenologia e pragmatismo para oferecer uma compreensão crítica e não instrumentalista das relações entre humanos e tecnologias (Helder Buenos de Carvalho e Gustavo Sousa Brito). Também recebemos análises sobre a trajetória histórica da filosofia da tecnologia, investigando os limites do movimento conhecido como *empirical turn* diante de fenômenos tecnológicos de perspectiva planetária (Matheus Ferreira de Barros) e sobre as limitações da sociologia tradicional, de caráter humanista, para abordar atores não humanos (Stefanie Carlan da Silveira e Matheus Costa).

A coletânea ainda reúne quatro artigos que se dedicam ao tema do conhecimento e da inteligência: um aborda a questão do efeito da popularização das novas LLMs sobre a produção e disseminação do conhecimento (Edgar Lyra), outro discute, valendo-se de “caricaturas”, se um computador pode apresentar inteligência (Tiago Rezende de Castro Alves e Luana Goulart de Castro Alves), o terceiro investiga o que diz a noção de inteligência associada ao ChatGPT (André Luis La Salvia), e, por fim, o artigo de Diogo Barros Bogéa convoca as concepções de tecnopolítica e racialidade para analisar como as dinâmicas tecnocientíficas contemporâneas perpetuam formas de controle e subjugação. Fecha este dossiê o artigo de Pedro Hussak van Velthen Ramos, que analisa o comercial da Volkswagen em que Maria Rita canta com sua mãe, Elis Regina, ressuscitada por IA, argumentando que a polêmica gerada ressoa críticas platônicas à mimesis, e propõe, à luz de Baudrillard e Stiegler, que o antídoto à regressão mimética seria estimular os artistas a programarem, criando imagens criativas com IA.

A seção *Varia* conta com três artigos: o de Vinícius França Freitas explora a hipótese de que a filosofia do saber comum de Oswaldo Porchat pode ser comparada à filosofia do senso comum de Thomas Reid; o de José Dias e Junior Cunha articula o pensamento ético-político do período elisabetano, contrastando-o com a filosofia política de Nicolau Maquiavel; por fim, o de Eduardo Brandão Pinto discute cinema e gênese do pensamento em Gilles Deleuze.

Do ponto de vista da filosofia, o convite ao exame crítico e reflexivo feito por cada um dos artigos deste dossiê é, mais do que uma análise dos dispositivos tecnológicos em si e uma tentativa de compreensão do papel da tecnologia na estruturação da vida contemporânea. Em conjunto, eles buscam delinear novos horizontes para a filosofia da tecnologia e suas áreas correlatas.

Boa leitura!